

Parecer referente ao Relatório Técnico da DICP: ANÁLISE E DELIBERAÇÃO REFERENTE AO REGISTRO DO SAMBA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BELO HORIZONTE; HORIZONTES DO SAMBA: Dossiê de registro do samba de Belo Horizonte como patrimônio cultural imaterial e HORIZONTES DO SAMBA: Inventário do Samba de Belo Horizonte.

Belo Horizonte, 06 de Dezembro de 2024.

Em Abril 2015, o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte (CDPCM-BH), em deliberação sobre a abertura de processo de Registro Imaterial da Quadra da Escola de Samba Cidade Jardim, (Rua Gentios, 1415 - Conjunto Santa Maria), considerou necessário ampliar o estudo em duas grandes frentes: A abertura de processo de Registro Imaterial do Samba em Belo Horizonte e a abertura de processo de Registro Imaterial do Carnaval em Belo Horizonte. Na época, eu fazia parte deste conselho, que, além da sua importância inestimável para a preservação do patrimônio cultural de Belo Horizonte, é um espaço de construção de conhecimentos e de debates riquíssimos. Na reunião, que resultou pela abertura do processo de Registro do Samba, já ficou evidente como esta expressão cultural traz paixões, lutas e expectativas.

Este parecer sobre o Registro do Samba Como Patrimônio Cultural de Belo Horizonte se baseia em três documentos enviados a este conselheiro: HORIZONTES DO SAMBA: Inventário do Samba de Belo Horizonte; HORIZONTES DO SAMBA: Dossiê de registro do samba de Belo Horizonte como patrimônio cultural imaterial e Relatório Técnico: ANÁLISE E DELIBERAÇÃO REFERENTE AO REGISTRO DO SAMBA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BELO HORIZONTE.

Segundo o Relatório, em 2021, no contexto do COVID-19 e a decorrente preocupação com as mestras e os mestres do samba de Belo Horizonte, o Coletivo de Sambistas Mestre Conga, composto por mais de 50 nomes ligados ao samba de Belo Horizonte, realizou uma live: "Samba de Belo Horizonte: memória, história e patrimônio cultural". Vale destacar que o grupo leva o nome do grande sambista da cidade, Mestre da Cultura Popular de Belo Horizonte, José Luiz Lourenço, conhecido como Conga. O evento marcou a retomada do movimento para o reconhecimento do samba como Patrimônio Cultural da capital mineira. A partir daí, a DIPC, em parceria com o Coletivo Mestre Conga, promoveu amplo processo de diálogo com a sociedade civil. O Coletivo, com uma dedicação que merece o reconhecimento deste Conselho, mobilizou recursos por meio da aprovação de uma Emenda Parlamentar da então vereadora Macaé Evaristo. Outro fator muito importante foi a parceria com o Projeto República, da UFMG, coordenado pela célebre professora, muito importante na minha formação, Heloísa Starling.

O Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória, foi fundado em 2001. O projeto é responsável por reflexões, especialmente sobre República e o período Republicano no Brasil. As canções populares foram exaustivamente estudadas pelo projeto, fato que rendeu publicações, exposições, a matéria na graduação "Decantando a

República”, que tive o prazer de cursar em 2004, e o programa Decantando a República, apresentado por outro membro do projeto, Bruno Viveiros, que estreou em 2005 na excelente rádio UFMG Educativa (104.5). O projeto República, portanto, por toda sua trajetória e relevância, é um parceiro excepcional para este estudo, o que fica evidente no material apresentado pela DIPC a este conselheiro.

A DIPC possui uma expertise única em Patrimônio Cultural no Brasil, o material produzido por este órgão da Fundação Municipal de Cultura é reconhecido pela densidade das pesquisas, pela seriedade dos técnicos, pela excelência e pelo amor e respeito ao Patrimônio de Belo Horizonte. A DIPC e seu corpo técnico merecem, mais uma vez, o reconhecimento deste Conselho por seu trabalho. Os dossiês produzidos pela Diretoria, agora, são um dos acervos mais consultados do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, mostrando como que o material produzido pela DIPC, além do valor probatório, possui um infindável potencial de pesquisas. Os documentos enviados (inventário, dossiê e relatório) são de excelente qualidade, o que não poderia ser diferente. É preciso parabenizar a DIPC, o Projeto República e o Coletivo de Sambistas Mestre Conga, que proporcionaram, além da paixão e expertise dos sambistas envolvidos, a mobilização da sociedade civil em prol do Registro Imaterial do Samba.

Antes de finalizar esta longa introdução, vale ressaltar que em outros estudos realizados ou encomendados pela Prefeitura de Belo Horizonte, a relevância do Samba e a necessidade de seu reconhecimento foram destaques. Este fato ficou evidente no trabalho do Plano Centro Lagoinha, desenvolvido na Secretaria de Planejamento Urbano entre 2019 e 2021, por meio de pesquisas de percepção e de escuta da população. Ou no trabalho da DIPC em parceria com a Peixe Vivo Histórias - Memória e Patrimônio, por meio da Cartografia Cultural da Lagoinha, de 2019. Segundo a Cartografia

O samba da Lagoinha se apresenta, desde sua origem, como expressão da identidade cultural da população negra belorizontina. Na região, o samba está presente em diversos âmbitos da vida e se configura como uma das principais formas de expressão da cultura local.” (...) “Na região, o samba se liga aos mais diversos âmbitos da vida coletiva, desde o familiar, passando pela religiosidade e pelos momentos de sociabilidade, que se traduziu em sambistas, escolas de samba, blocos de carnaval, sambas-canções, afoxés, casas de samba, bares e botequins.¹

Segundo a documentação encaminhada pela DIPC, o projeto “Registro do samba como patrimônio cultural imaterial de Belo Horizonte” - Processo No: 01-064.983/22-45, produziu: O Inventário do Samba (fichas relativas aos movimentos do Samba: Escolas de Samba; Blocos Caricatos; Blocos de Rua; Espaços de Samba e Rodas de Samba), episódios de podcasts; programas de rádio educação, videoaulas, um minidocumentário e o Dossiê objeto de análise deste parecer. A documentação, como dita, é excelente, com profunda pesquisa, incluindo entrevistas, pesquisas em acervos arquivísticos, em gravações de músicas, entre outras fontes. Este material é um regozijo para quem luta pelo patrimônio cultural em Belo Horizonte, pois é paradigma de tudo que colocamos

¹ Fundação Municipal de Cultura. Diretoria de Patrimônio Cultural. Cartografia Cultural da Lagoinha. Belo Horizonte: Peixe Vivo Histórias; Fundação Municipal de Cultura / Prefeitura de Belo Horizonte, 2019.

como caminhos possíveis para as políticas de patrimônio, que devem propor mediações e escutas com as comunidades e ir muito além das referências reconhecidas pelo poder público.

Entre as várias virtudes do objeto deste parecer, os estudos para o Registro do Samba entendem que as “práticas musicais, a corporeidade presente nas danças, nas gingas, os territórios onde o samba se desenvolveu na cidade, as agremiações, os grupos, a trajetória artística das mestras e dos mestres do samba, seus modos de vestir, comer, andar, brincar, sentir, amar, lamentar, resistir e viver e a ritualização da vida própria do mundo do samba são elementos conformadores desta expressão cultural da cidade”. Assim, estes elementos, em toda sua complexidade e pluralidade, são partes constitutivas e impactadas pela formação histórica e cultural de Belo Horizonte. Outro pilar do trabalho é a “destacada contribuição do negro neste processo”.

O dossiê detalhou as práticas da pesquisa sobre o samba em Belo Horizonte, com destaque para a escuta às mestras e aos mestres. Com isso, a equipe responsável pela pesquisa desenvolveu a ideia-conceito: Movimentos do Samba. A ideia considerou o fato de que na própria trajetória de formação da cultura dos negros no Brasil existem permanências de traços ancestrais, com movimentos constantes de adaptações, reinvenções e diálogos com elementos de outras dinâmicas culturais para se firmar. Segundo o dossiê, portanto, o samba é “um complexo de referências culturais interligadas e interdependentes e que são expressões ou vertentes de uma mesma matriz no qual há trânsito dos atores entre elas.

Partindo dessa premissa, o dossiê estudou o bem cultural em análise a partir do impacto da presença de 4,9 milhões de africanos e africanas que chegaram compulsoriamente no Brasil. Esta presença, ao longo do tempo, moldou a cultura em todas suas vertentes, como a língua, as artes, a alimentação. A base rítmica do samba veio da cultura banto, “que guarda correspondências com a musicalidade do candomblé da Nação Angola e da umbanda, com seu ritmo característico, o cabula.” O samba foi se formando como uma mistura de várias manifestações e ritmos de proveniência do continente africano e europeu. Após descrever o Samba de forma ampla, o dossiê parte de análises de jornais e documentos que remontam o período anterior à Nova Capital de Minas. A pesquisa evidenciou a importância do Samba, passando por exemplos de canções, de territórios, eventos, grupos, escolas de samba, impacto na literatura e no cotidiano urbano de uma cidade em formação e expansão. A pesquisa, de forma clara e muito bem embasada, apresentou o samba como expressão cultural urbana em Belo Horizonte, que canta o cotidiano, a história e os movimentos da cidade. Narra os territórios, suas tensões e suas contradições. O Samba apresenta para todos nós versões e narrativas de histórias da nossa cidade que são frequentemente esquecidas, marginalizadas e pouco retratadas em documentos e em acervos oficiais. É, portanto, resistência e suporte de memória que criou um grande pertencimento de várias comunidades da capital mineira. O samba moldou formas de viver e de se manifestar que extrapolam os ambientes e espaços mais comumente associados ao movimento.

Em relação aos espaços do samba, o dossiê destacou a região da Lagoinha, principalmente no entorno da praça Vaz de Melo, como um dos pontos de referência do samba belo-horizontino, em especial nas décadas de 1940 e 1950. Na gama das temáticas do samba, bem como os múltiplos lugares, referências e lutas, a pesquisa

destacou como o movimento possibilitou a emergência e o incentivo de culturas de resistência, cantou as mudanças do cenário urbano mutante e se amalgamou com a vida política da população negra da cidade. Com isso, o cotidiano e a vida das vilas belo-horizontinas apareceram em vários sambas da cidade.

A pesquisa em sua amplitude, trabalhou com as rodas de samba, que também foi destaque no brilhante Relatório Técnico, assinado pelo colega historiador Alan Oziel da Silva Pires que contou com a valorosa contribuição dos estagiários de história da DIPC Wambembe da Luz Chitacumula e Laura Meniconi Rezende. Segundo o documento, hodiernamente temos a presença de mais de 100 bares de samba na cidade (alguns nos quintais das casas dos próprios sambistas). O dossiê analisou as escolas de samba da cidade, com trajetória que remonta o final do século XIX. Destacou a escola de Samba Pedreira Unida, a primeira agremiação a desfilar na década de 1930 e a trajetória posterior dos desfiles, bem como as características do samba enredo. O dossiê analisou os blocos de rua, importantes por várias razões e pelo fato de serem importante meio de trabalho para os artistas do samba e os blocos caricatos.

Os blocos caricatos remontam os primeiros anos da Nova Capital de Minas, desde os operários que trabalhavam na construção da cidade e tocavam músicas com os rostos pintados e tocando em latas. O movimento passou a se organizar após a Segunda Guerra Mundial, e novos blocos foram surgindo ao longo dos anos que passaram a integrar o Carnaval oficial de Belo Horizonte. Atualmente, os blocos caricatos desfilam na segunda-feira de carnaval, com organização da Belotur.

Nas considerações finais, o dossiê apresentou as ações de salvaguarda e afirmou que são muitos os estereótipos, preconceitos e os obscurecimentos para quebrar. A partir das falas dos sambistas, das entrevistas, da pesquisa e da análise das práticas, da memória e história contidas no dossiê, mostram que o samba é uma filosofia de vida e que este processo de registro é um início, pois:

O samba em Belo Horizonte canta as resistências de um povo, as culturas, as ancestralidades e as diásporas. O samba presentifica caminhos e descaminhos, memórias e desmemórias, recordações e esquecimentos nas encruzilhadas que dividem, mas também se encontram o continente africano e o Brasil. Diante da complexidade do que foi essa relação no passado, do seu forte vínculo histórico, simbólico, cultural e político com o presente, ainda há muito o que investigar, produzir, escrever e ressignificar.

Como disse Dorival Caymmi, na canção O samba da minha terra: “quem não gosta de samba, bom sujeito não é”. Jamais iria contradizer o genial compositor baiano, apesar de eu, infelizmente, ser ruim da cabeça e doente do pé. Confesso que, apesar do meu coração roqueiro, cresci escutando, colecionando discos e apreciando sambas de todos os tipos. A presença da música na minha vida, aliada a minha atuação na área do patrimônio cultural, nos ajuda a perceber como o samba é uma expressão de identidades culturais de populações, muitas vezes negligenciadas, de Belo Horizonte. É símbolo de resistência, é expressão de cultura, de afirmação.

Elaborar este relatório foi, apesar do tempo diminuto para a escrita do mesmo e da leitura dinâmica de centenas de páginas do dossiê, inventário e do relatório, um dos momentos mais prazerosos como um gestor da Fundação Municipal de Cultura neste ano. Aqui temos tudo o que queremos para nos motivar a seguir lutando por um patrimônio cultural com mais equidade e representatividade. A DIPC, mais uma vez, possibilitou a produção de um material que será tema de aulas, de dissertações e teses acadêmicas e que começa a fazer justiça a referências culturais importantíssimas para a nossa cidade que foram obscurecidas e deliberadamente ignoradas. O samba, como os mestres e mestras e a comunidade ouvida para este dossiê nos mostrou, é resistência, é luta, é movimento, é ocupação dos territórios urbanos, é tradição, é coragem. Ou seja, o samba é uma das referências culturais mais poderosas da nossa cidade.

A DIPC se manifestou favoravelmente pelo Registro do samba e indicou as seguintes inscrições nos Livros de Registro: Rodas de Samba - a ser inscrita no Livro das Formas de Expressão; Lugares e espaços de Samba - a ser inscrito no Livro de Lugares; Blocos de Rua - a ser inscrita no Livro das Formas de Expressão; Blocos Caricatos - a ser inscrita no Livro das Formas de Expressão; Escola de Samba - a ser inscrita no Livro das Formas de Expressão.

Com muita alegria, voto pelo reconhecimento do samba que já é, indubitavelmente, patrimônio cultural de Belo Horizonte. Este parecer, portanto, é pelo registro do samba como patrimônio cultural de Belo Horizonte e pela adoção das ações de salvaguarda presentes no dossiê que poderão ser aprimoradas pelo Comitê de Salvaguarda do Samba a ser instituído.

Salvo melhor juízo deste conselho,



Documento assinado digitalmente
YURI MELLO MESQUITA
Data: 06/12/2024 13:43:15-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Yuri Mello Mesquita
Diretor do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
Conselheiro do CDPCM-BH